

A INTERAÇÃO DOS DOMÍNIOS METAFÓRICOS E METONÍMICOS NA PRODUÇÃO DE SENTIDO DO DISCURSO MULTIMODAL

Natália Elvira Sperandio
thaiasperandio@yahoo.com.br

RESUMO: este trabalho, como parte de uma pesquisa mais ampla de doutorado, possui a finalidade de abordar a interação dos processos metafóricos e metonímicos na produção de sentido de um discurso multimodal. Nossa proposta consiste em demonstrar que, diferente do apresentado pelos precursores desse processo interativo, a motivação metonímica da metáfora ocorre tanto no domínio-fonte quanto no domínio-alvo da metáfora motivada. Além disso, evidenciamos que, ao ser trabalhada em um discurso multimodal, essa interação torna-se mais complexa, pois elementos de diferentes modos semióticos atuam na ativação dos modelos metonímicos e, conseqüentemente, na metáfora por eles motivada. Para o desenvolvimento de nossa proposta tomaremos como arcabouço teórico os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980), utilizado na conceitualização da metáfora, e as pesquisas de Radden e Kövecses (1999) na definição do modelo metonímico. Como forma de ampliarmos nossas análises desse modelo, adicionaremos ao trabalho desses autores as pesquisas de Jakobson (2003) e Paiva (2010, 2011, 2012). A perspectiva interacionista será abordada com base nos trabalhos de Goossens (2003), Barcelona (2003) e Radden (2003), autores pioneiros nesse campo de estudo. Em conjunto com essas teorias traremos a proposta da Integração Conceitual de Fauconnier e Turner (2002), sendo nossas análises realizadas por meio do diagrama proposto por esses pesquisadores. O *corpus* eleito é a charge animada intitulada “Dilmóquia”.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; metonímia; interação metafórica/metonímica; integração conceitual.

ABSTRACT: this work as part of a broader research doctorate, has the purpose of addressing the meaning resulting from the interaction of metaphoric and metonymic processes in production towards a multimodal speech. Our proposal is to show that different than the one the precursors of this interactive process, metonymic motivation of metaphor occurs both in the field source as the target field of motivated metaphor. Furthermore, we showed that, when being worked in a multimodal speech, this interaction becomes more complex because of the various elements semiotic modes act upon activation of metonymic models and, consequently, the metaphor driven by it. For the development of our proposal we will build theoretical framework the work of Lakoff and Johnson (1980), used in the conceptualization of metaphor, and research Radden and Kövecses (1999) in defining the metonymic model. As a way to expand our analysis of this model, we add the work of these authors polls Jakobson (2003) and Paiva (2010, 2011, 2012). The interactionist perspective will be addressed based on the work of Goossens (2003), Barcelona (2003) and Radden (2003), authors pioneers in this field of study. Together with these theories we will bring the proposal of conceptual integration Fauconnier and Turner (2002), and our analyzes through the diagram

proposed by these researchers. The chosen corpus is the animated cartoon entitled "Dilmóquia".

KEYWORDS: metaphor; metonymy; metaphorical / metonymic interaction; conceptual integration.

Introdução

Podemos observar, em um número significativo de trabalhos, a possibilidade de interação entre os processos metafóricos e metonímicos na produção de sentido. Autores como Goossens (2003), Barcelona (2003) e Radden (2003) têm redimensionado seus esforços em busca de modelos que comprovem a ocorrência dessa interação. Porém, quando voltamos nosso olhar para uma análise mais aprofundada dos trabalhos desenvolvidos por esses autores, podemos verificar que essas pesquisas contemplam um número reduzido de exemplos, sendo esses retirados de dicionários da língua inglesa. Além disso, esses trabalhos focam apenas expressões linguísticas codificadas pelo modo verbal, não se estendendo aos outros modos semióticos, como o sonoro e o visual.

Diante do exposto, esta pesquisa, como parte de um projeto maior de doutorado, possui a proposta de analisar a interação metafórica/metonímica na produção de sentido de um discurso multimodal. Isto é, buscaremos evidenciar, por meio de nossas análises, de que forma o sentido resultante dessa interação é construído. Para isso, utilizaremos como objeto de estudo um discurso multimodal, neste caso específico, a charge animada intitulada "Dilmóquia". Essa charge foi produzida pelo chargista Maurício Ricardo e pode ser visualizada em seu site charges.com.br.

Como forma de alcançarmos nosso objetivo, dividiremos este artigo em duas partes. A primeira é teórica, com a exposição das teorias que serviram de suporte. Iniciamos esta seção com as propostas da metáfora e metonímia, ambas produzidas no contexto cognitivo. Assim, a metáfora será conceitualizada com base na Teoria da Metáfora Conceitual e a metonímia será abordada a partir da definição de Radden e Kövecses (1999) em conjunto com as pesquisas desenvolvidas por Jakobson (2003) e Paiva (2010, 2011, 2012). Em seguida apresentaremos as abordagens interativas da metáfora e metonímia, tendo como arcabouço teórico os trabalhos de Goossens (2003), Barcelona (2003) e Radden (2003). Finalizaremos com a abordagem da Integração Conceitual de Fauconnier e Turner (1999, 2002), pois essa permite a análise de metáforas criativas, novas, e não apenas de metáforas cristalizadas, como é feito nos estudos da Metáfora Conceitual de Lakoff e Johnson (1980). A segunda parte, analítica, será destinada a apresentação e análise da charge eleita para esse estudo. Nessa seção, demonstraremos que as metáforas elencadas e analisadas resultam da interação de um

conjunto de relações metonímicas presentes em seus domínios fonte e alvo. Essa interação se tornou mais complexa pelo fato de essas metáforas terem sido produzidas no interior de um discurso multimodal.

1. Processos metafóricos e metonímicos pela perspectiva cognitiva

Os processos metafóricos e metonímicos possuem origem entrelaçada aos estudos aristotélicos. A metáfora é conceitualizada por Aristóteles como “transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia (ARISTÓTELES, 1991, p.27). Diferente do que muitos postulam, de acordo com Mahon (1999), Aristóteles não subestimava o valor da metáfora, considerando-a como mera figura de linguagem. Ao contrário, o filósofo reconheceu a onipresença da metáfora e seu caráter cognitivo ao afirmar que as metáforas são inteligíveis e demonstram verdades sobre o mundo, além do seu valor pedagógico, pois elas nos permitem a aprendizagem de coisas novas, por meio de conexões inexistentes anteriormente.

Schröder (2008a) afirma que é possível encontrarmos fragmentos dos estudos metafóricos nas áreas filosófica, linguística e antropológica. Para a pesquisadora, há dois precursores da Teoria da Metáfora Conceitual: o filósofo Hans Blumenberg e o estudioso Harald Weinrich.

Avançando um pouco mais nos estudos da metáfora, temos os trabalhos de Reddy (1979), que procurou analisar o problema da comunicação na língua inglesa, reconhecendo o papel da metáfora na linguagem e no pensamento, propondo a metáfora do canal.

É com base no trabalho de Reddy (1979) que Lakoff e Johnson (1980) desenvolvem a Teoria da Metáfora Conceitual. Nessa proposta os autores trazem a tese da onipresença da metáfora em nossa linguagem e pensamento, fazendo com que a metáfora esteja associada ao cotidiano, à linguagem, ao pensamento e à ação. Nesse contexto, a metáfora é definida como uma forma de compreendermos e experienciarmos uma coisa por meio de outra. Os autores propõem o mapeamento sistemático entre dois domínios: domínio-fonte, considerado fonte de inferência, e domínio-alvo, o local em que essa inferência será aplicada.

Porém, como afirma Forceville (2008), a caracterização oferecida por Lakoff e Johnson (1980) por um lado resgata a ideia de Black (1993), ao afirmarem que a metáfora ativa a interação entre os domínios fonte e alvo, fazendo que traços ou

relações sejam mapeados da fonte ao alvo. Além disso, enfatizaram a natureza dinâmica desse tropo, ao argumentarem que o pensamento metafórico requer a ativação da compreensão dos seus ouvintes, influenciando nossas perspectivas de mundo e ações desempenhadas a partir dessas perspectivas. No entanto, não é especificado pelos autores o sistema de signo sobre o qual ocorre a conexão metafórica, mesmo com a afirmação das metáforas serem primariamente matéria do pensamento e ação e, derivadamente, da linguagem. Diante disso, Forceville (2008) aponta como falha da Teoria da Metáfora Conceitual a não abordagem de metáforas não verbais, pois essas proporcionariam refinamento e o teste dessa teoria. Nesse contexto, Forceville (2008) desenvolve a Teoria das Metáforas Multimodais.

As metáforas multimodais são definidas por Forceville (2008) como aquelas que têm fonte e alvo representados exclusivamente ou predominantemente por diferentes modos, sendo esses conceitualizados como: 1) signo pictórico, 2) signo escrito, 3) signo falado, 4) gestos, 5) sons, 6) música, 7) cheiro, 8) gosto e 9) toque.

Todavia, Sperandio (2014) afirma que Forceville (2008) dedica-se apenas às metáforas não verbais do tipo verbo-visual, não estendendo suas análises aos outros tipos possíveis de metáforas multimodais construídas por meio da interação de outros modos, como também pela articulação desses diferentes modos.

A seguir expomos um tipo de metáfora multimodal codificada pela articulação dos modos verbo-visuais.



Figura 1: Charge Chapeuzinho vermelho (Fonte: Jornal O popular – GO)

Na charge apresentada temos a articulação de dois domínios específicos: da história infantil Chapeuzinho Vermelho e o domínio político brasileiro. Ao articularmos esses dois domínios, podemos construir a metáfora Dilma é a Chapeuzinho Vermelho,

sendo que, para ativarmos esses dois domínios, articulamos dois modos distintos: domínio-fonte (Chapeuzinho Vermelho), ativado pelos modos visual (a vestimenta de cor vermelha e a imagem do Lobo Mau) e verbal (com os dizeres “pra que essa boca tão grande?”); e o domínio-alvo (Dilma) com os modos visual (a personagem com traços que nos remetem à nossa atual presidente) e o verbal (com os dizeres “base aliada”).

O processo metonímico, como afirmamos no início dessa seção, assim como o metafórico, está entrelaçado aos estudos aristotélicos. No início, a metonímia era vista como mera substituição de um termo pelo outro, tendo como função primária a referencialidade. No entanto, no contexto cognitivo atual, a metonímia, assim como a metáfora, passa a ser considerada como processo cognitivo, sendo a diferença entre esses processos pautada na diferença entre os domínios: dois domínios distintos e mapeamento múltiplo na metáfora e um único domínio e mapeamento na metonímia.

Lakoff e Johnson (2003) afirmam que, da mesma forma que a metáfora, a metonímia não possui ocorrência arbitrária ou aleatória, mas conceitos sistemáticos, fazendo com que as sentenças metonímicas sejam consideradas instâncias de conceitos metonímicos gerais por meio dos quais organizamos nossos pensamentos e nossas ações.

Para Barcelona (2003), o processo metonímico consiste ao mesmo tempo em ativação, mapeamento e destacamento. Diante disso, haverá o destacamento de um (sub)domínio, fonte, que ativará mentalmente um outro (sub)domínio, alvo, fazendo com que a fonte seja mapeada ao alvo, sendo que essas três operações ocorrem em um mesmo domínio.

Para esta pesquisa, destacaremos o conceito metonímico proposto por Radden e Kövecses (1999). Esses autores a consideram como fenômeno cognitivo no qual a entidade conceitual, o veículo, promove acesso mental a outra entidade conceitual, o alvo, em um mesmo modelo cognitivo idealizado. Para eles, como fenômeno conceitual, a metonímia não pode ser reduzida à mera substituição de palavras, mas como forma diária de pensamento, fundamentada em nossa experiência, estruturando nossas ações. Com isso, propõem a substituição da notação X por Y, que simbolizam simplesmente substituição, por X + Y, representando uma inter-relação que produz significado novo, mais complexo.

Será esse conceito de metonímia o utilizado em nosso trabalho. Como forma de ampliarmos nossas análises, articularemos a esse conceito as pesquisas de Jakobson (2003) e Paiva (2010, 2011, 2012). Dos trabalhos de Jakobson (2003) recuperaremos a

noção de contiguidade, que está presente na formação desse processo. Para o autor, na formação do processo metonímico, os elementos que o compõem são colocados como contíguos, próximos. Nos trabalhos de Paiva (2010, 2011, 2012) tomaremos como base as propriedades recursiva e fractalizada. Na primeira, recursiva, a autora propõe que, da mesma forma que um sistema complexo, as entidades do modelo metonímico são recursivas. Com isso, podemos projetar a PARTE ao TODO como esse a sua PARTE, como também as PARTES e o TODO podem ser projetados a um novo domínio, promovendo a metaforização. Por outro lado, a fractalidade, faz com que no modelo metonímico a mesma coisa seja vista em escalas diferentes. De acordo com a pesquisadora, a propriedade fractal funciona como *hiperlink* para uma cena maior, como se um sintagma ou imagem representasse um ponto em uma cena com a capacidade de gerá-la como um todo.

As propostas até agora apresentadas abordam os processos metonímicos e metafóricos como independentes. A partir de agora, traremos para a nossa discussão pesquisas que possuem como foco a possibilidade de interação entre esses processos na produção de sentido.

2. A perspectiva interativa dos processos metafóricos/metonímicos

O primeiro autor a sistematizar de forma precisa o processo interativo metafórico/metonímico foi Goossens (2003). O autor encontrou evidências desse processo e passou a denominá-lo, por meio de um neologismo, como metafonímia. Em suas pesquisas, parte-se do pressuposto de que há domínios complexos construídos por meio de outros domínios, sendo esses básicos ou complexos. Nesse sentido, as fronteiras entre os domínios são consideradas fluidas, motivo pelo qual ocorre a interpenetração entre metáfora e metonímia.

O autor apresenta dois tipos de metafonímias: metafonímia integrada (metonímia dentro da metáfora e metáfora dentro da metonímia) e metafonímia cumulativa (metáfora a partir da metonímia e metonímia a partir da metáfora). O primeiro tipo ocorre quando temos como exemplo a sentença “morder a língua”, como forma de demonstrar arrependimento, ocorrendo em enunciados como “eu deveria morder a minha língua”. Nesse caso, língua deve ser processada literalmente no domínio-fonte, onde há a cena de autopunição, e mapeada ao domínio-alvo com o significado de “privar-se da capacidade da fala”, com a metonímia responsável pela escolha da língua

como responsável pela faculdade da fala. Nesse exemplo, há uma metonímia dentro da metáfora.

No segundo tipo, a metafonímia cumulativa, o autor afirma que esse tipo de interação pode ser evidenciado pelo fato de subjacente à metáfora existir o entendimento de que os domínios fonte e alvo podem ser unidos de forma natural e simultânea numa única cena complexa, formação típica da metonímia. Como exemplo, o autor nos oferece o enunciado “Oh, querida, ela sorriu, eu esqueceria completamente”. Uma interpretação seria que a expressão tenha sido proferida enquanto ela realmente sorria. Neste caso, teríamos a relação metonímica PARTE pelo TODO, com um componente da cena complexa de falar sendo tomada como um todo. Por outro lado, podemos tomá-la como se estivesse sorrindo, ocorrendo o cruzamento entre os domínios, resultando na interpretação metafórica.

Passamos agora aos estudos de Barcelona (2003). O autor, com base nos trabalhos de Goossens (2003), propõe dois tipos de interação: uma exclusivamente no plano conceitual e outra textual. A que nos interessa, a conceitual, consiste na motivação metonímica da metáfora ou motivação metafórica da metonímia. Na motivação metonímica da metáfora temos a metáfora IRA É O CALOR DE UM FLUIDO, que licencia expressões como “Eu tinha atingido o ponto de ebulição”. Essa metáfora, de acordo com o autor, é motivada por um conjunto de metonímias sobre as quais alguns efeitos fisiológicos da ira representam emoção.

Para exemplificar seu segundo tipo, Barcelona (2003) toma emprestado a sentença “Ele tomou o ouvido do ministro e o persuadiu a aceitar seu plano” de Goossens (2003). Nesse enunciado, temos a metáfora ATENÇÃO É UMA ATIVIDADE FÍSICA EM MOVIMENTO e a metonímia PARTE DO CORPO POR FUNÇÃO, neste caso, OUVIDO POR ATENÇÃO.

Finalizamos com a proposta do *continuum* desenvolvida por Radden (2003). Para o autor a dificuldade de se estabelecer a diferença entre metáfora e metonímia consiste na noção de domínio conceitual. Esse é considerado como qualquer experiência, conceito e sistema de conhecimento revestido de subjetividade, apesar de não podermos desconsiderar a intersubjetividade em nossas experiências.

O autor faz sua abordagem a partir das noções literal, metonímica e metafórica como localizadas em um *continuum*. Na figura abaixo temos apresentada essa formulação por meio dos diferentes usos que são feitos do adjetivo alto.

Literal		Metonímico		Metafórico
(a) torre alta	(b) maré alta	(c) temperatura alta	(d) preços altos	(e) qualidade alta

Figura 3: O *continuum* literal-metonímia-metáfora (Fonte: Radden (2003, p. 409)).

O autor explica a tabela acima da seguinte forma: em (a) alto é usado literalmente, referindo-se apenas à verticalidade. Em (b) alto é parcialmente, ou fracamente, metonímico fazendo referência tanto à extensão vertical e horizontal, fato que ocorre com a metonímia ACIMA POR ACIMA E MAIS. Em (c) alto é totalmente metonímico, substituindo uma entidade em um mesmo domínio conceitual, a escala de verticalidade representando o grau da temperatura, como em ACIMA POR MAIS. Em (d) alto fica entre a interpretação metafórica e metonímica, pois algumas pessoas fazem a associação de preço alto ou preço em ascensão com uma linha em ascensão em um gráfico, como aqueles utilizados nas bolsas de valores. Nesse caso, a representação gráfica do preço está no mesmo domínio conceitual do próprio preço, mas é uma faceta diferente dele, sendo representada pela metonímia COISA POR SUA REPRESENTAÇÃO. Por outro lado, algumas pessoas podem associar preço alto com a quantia de dinheiro em uma venda, aqui “alto” (preço) e “quantidade” (dinheiro) fazem parte de um mesmo domínio conceitual e é compreendido metonimicamente como ACIMA POR MAIS, ou podem ser vistos como pertencendo a diferentes domínios, com “preço alto” compreendido metaforicamente como MAIS É ACIMA. Por último, alto em (e) refere-se a uma escala de avaliação, a extremidade mais alta do que é bom, sendo que avaliação e verticalidade não podem ser pensadas como parte de um mesmo domínio conceitual, visto como puramente metafórico como BOM É PARA CIMA.

Destacamos que as três propostas interativas apresentadas abordam um tipo de interação, aquela em que a metonímia se faz presente em apenas um dos domínios da metáfora motivada, não explorando a possibilidade de a motivação metonímica ocorrer em ambos os domínios. Além disso, elegem para seus trabalhos apenas metáforas codificadas pelo modo verbal, não explorando os outros modos semióticos.

Como nossa proposta consiste em apresentar a possibilidade de a motivação metonímica ocorrer tanto no domínio-fonte quanto no domínio-alvo da metáfora motivada, acrescentaremos em nosso arcabouço teórico a Teoria da Integração Conceitual. Por outro lado, essa perspectiva teórica permite a análise não apenas de

metáforas cristalizadas, mas também de metáforas novas e criativas, questão que ocorre em nosso objeto de estudo. Assim, analisaremos a interação metafórica/metonímica da charge eleita pelo viés da teoria da integração conceitual. Passamos agora à sua apresentação.

3. Teoria da Integração conceitual

Para Fauconnier e Turner (2002), a Teoria da Integração Conceitual (TIC) tem como alvo o estudo de estruturas cognitivas emergentes encontradas em metáforas criativas. De acordo com esses autores, o cérebro funciona por meio de intensas ativações das quais resultam construções mentais complexas que ocorrem à medida que falamos, agimos e lemos.

Neste contexto, grande parte de nossas conceitualizações é resultado da integração de espaços mentais interconectados, abertos dinamicamente, pois acionamos rotinas cognitivas para compreendermos o que nos cerca.

Assim, a integração conceitual é considerada operação mental básica altamente imaginativa, resultante de uma rede de espaços mentais, com a configuração mínima envolvendo quatro espaços:

Espaços de *input*: constituem duas ou mais estruturas parciais, que correspondem a um conceito, ou traços de conceitos, entendidos como informação prévia relacionadas a experiências definidas.

Mapeamentos: mapeiam, através de conexões parciais, contrapartes dos espaços *input*.

Espaços genéricos: são espaços mentais que mapeiam o que cada *input* possui em comum.

Espaço mescla: um novo espaço, onde os elementos dos espaços *inputs* são projetados.

Estrutura emergente: o espaço mescla, que é resultado da projeção seletiva, apresenta uma estrutura emergente, com uma configuração distinta da apresentada pelos *inputs*.

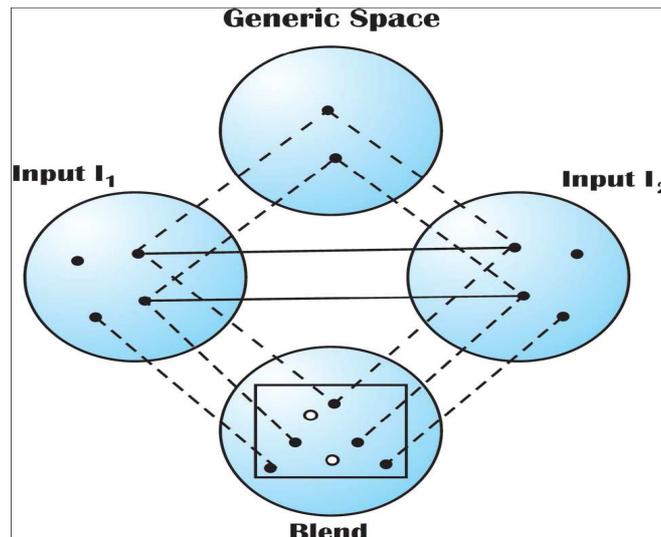


Figura 3: O processo de mesclagem (Fonte: Fauconnier e Turner (2002, p.46))

No diagrama acima temos: os espaços mentais representados por círculos, os elementos desses espaços representados por pontos, as conexões por linhas cheias (mapeamentos) ou pontilhadas (projeções) e a estrutura emergente representada pelo quadrado.

A Teoria da Mesclagem propõe alguns princípios otimizadores que contribuem no esclarecimento dos aspectos interpretativos da mesclagem.

O princípio da integração propõe que a mesclagem deve ter uma cena integrada, podendo ser manipulada como uma unidade. O princípio da rede ressalta que ao manipular a mesclagem como unidade temos uma rede de conexões coerentes e apropriadas com os espaços de *inputs*. O princípio do desempacotamento postula que a mesclagem permite a reconstrução dos seus espaços de *inputs*, incluindo seus mapeamentos, elementos do espaço genérico e toda rede de conexões estabelecidas. O princípio da Topologia afirma que qualquer espaço de *input* e seus elementos, presentes na mescla, devem participar do mesmo tipo de relações correspondentes com suas contrapartes. O princípio da Boa Razão se refere, em um contexto de igualdade, que um elemento na mescla será pressionado a receber significado, incluindo relevantes *links* para outros espaços e um importante papel na mescla. Princípio da Restrição Metonímica postula que quando um elemento do espaço de *input* é projetado ao espaço mescla, e outro elemento desse mesmo espaço também é projetado a partir de uma relação metonímica, diminui a distância entre eles.

Acreditamos que a TIC será de grande valia para esta pesquisa, já que, diferente da teoria da metáfora conceitual que se dedica a metáforas cristalizadas,

convencionais, a TIC “tira as metáforas de seu estado estável e invariável por dinamizar o processo da cognição, focalizando o domínio mescla com suas estruturas emergentes e inovativas no momento da geração” (SCHRÖDER, 2008b, p. 52).

4. Charge *Dilmóquia* e o processo interativo presente em sua construção

Iniciamos agora nossa seção analítica. A charge escolhida para análise possui como tema a disputa eleitoral para presidente em 2010. Sua produção ocorreu no dia dezenove de março de 2015 e retrata a disputa ente Dilma e Serra e o apoio de Lula à campanha de Dilma.



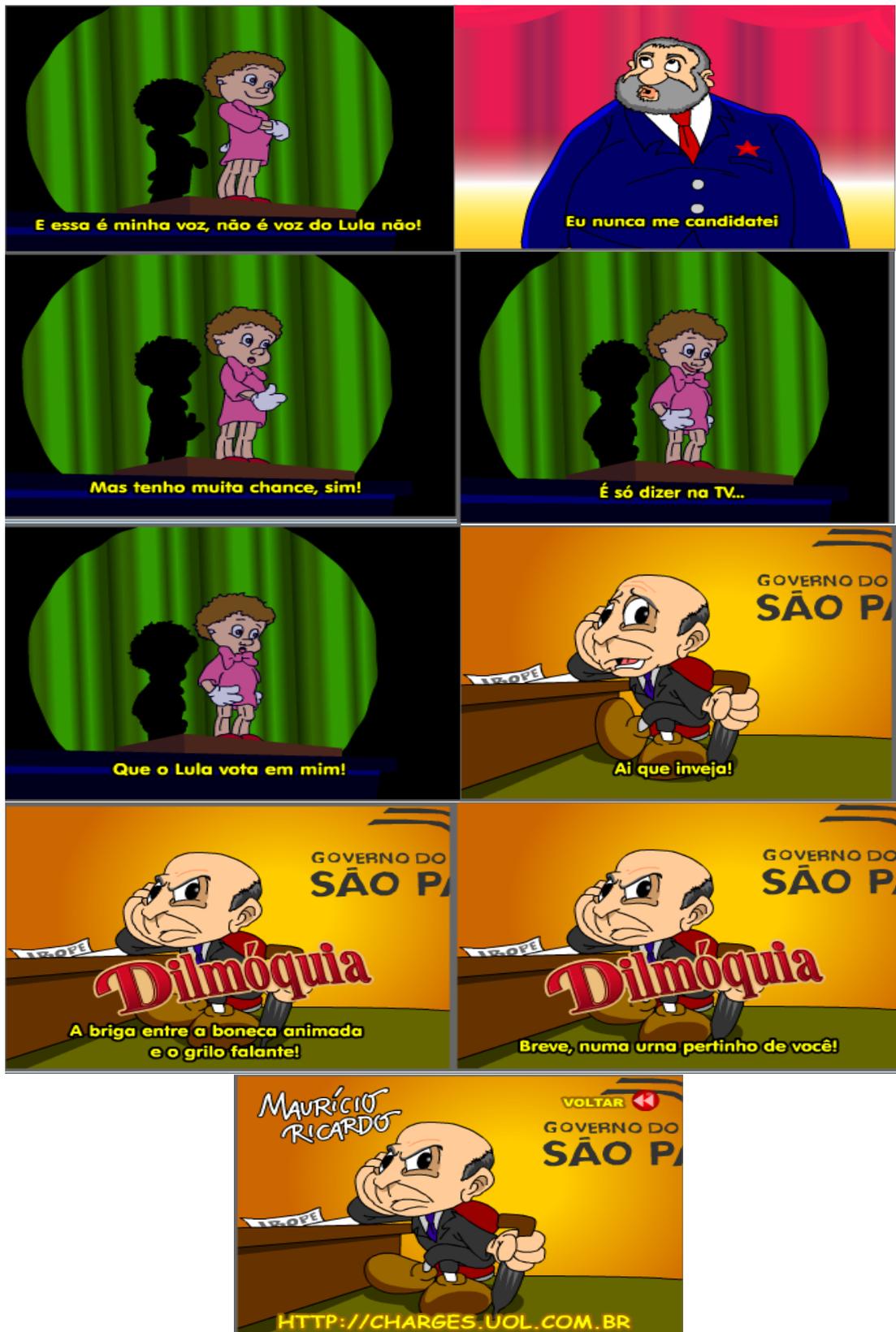


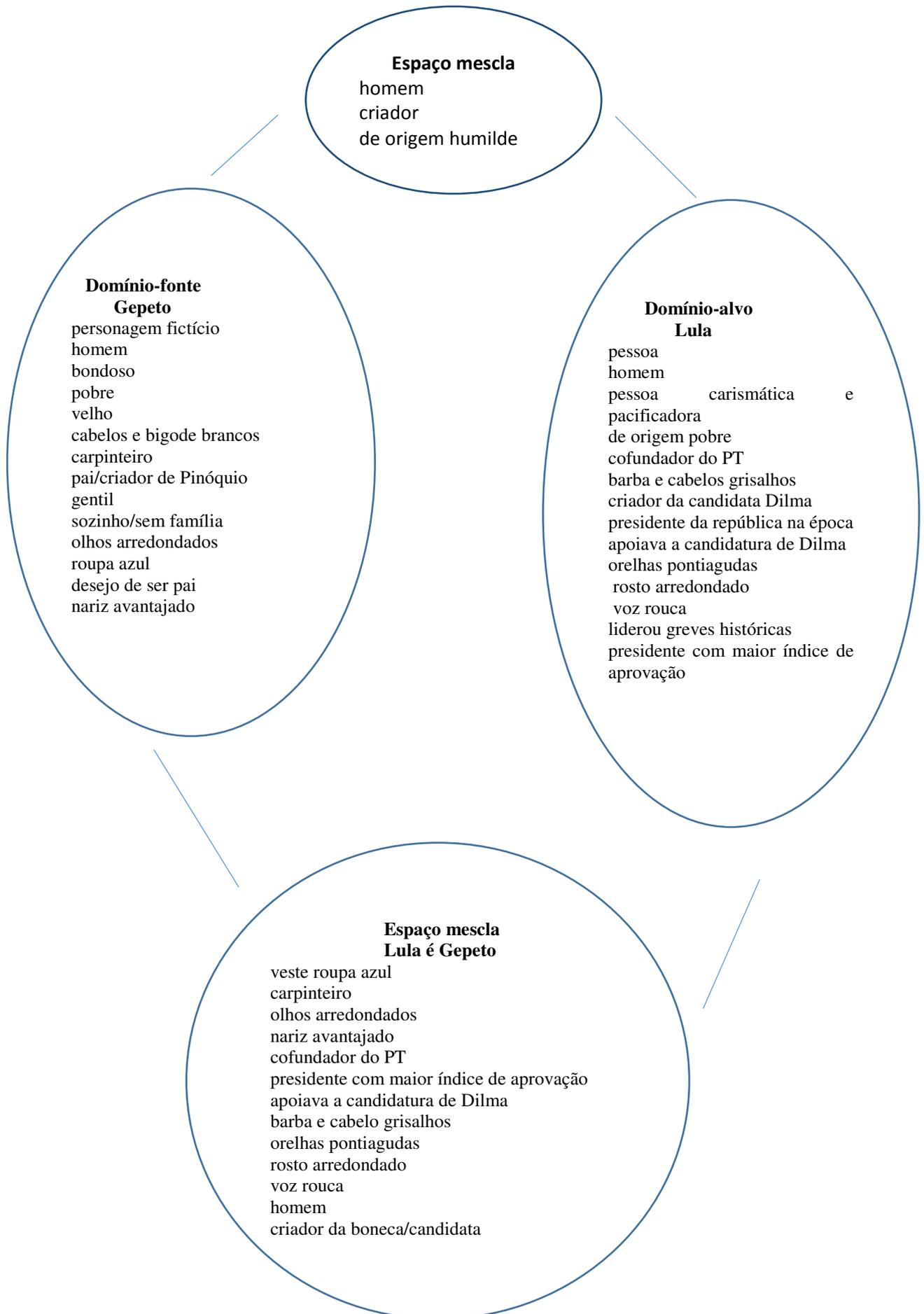
Figura 4: Charge Dilmóquia (Fonte: <http://charges.uol.com.br/2010/03/19/a-serie-desenhos-dilmoquia/>. Acesso em: 11 set. 2013).

Ao visualizarmos a charge apresentada, somos capazes de recuperar dois domínios distintos: o domínio de uma história infantil, Pinóquio, e o domínio do cenário

político de 2010. Esses domínios são recuperados por meio dos diferentes modos semióticos utilizados nessa construção, isto é, os modos visual, sonoro, verbal, a cor e a imagem em movimento que atuam como *links*, nos remetendo a cada um dos domínios apresentados.

Vamos iniciar nossas análises com a integração que é feita na primeira imagem entre Lula e Gepeto. A charge, em conjunto com nosso conhecimento enciclopédico, nos permite ativar elementos constitutivos de cada um desses domínios. Como recorreremos a TIC como suporte para nossa análise, construímos a seguir a rede de integração atuante na construção da metáfora Lula é Gepeto.

Nessa rede, visualizaremos a integração entre os domínio-fonte, Gepeto, domínio-alvo, Lula, o espaço genérico com os elementos comuns desses dois domínios e o espaço mescla, local que ocorre a criação de uma nova estrutura, pois a identidade de Gepeto é fundida à identidade de Lula.



É interessante destacarmos que cada um dos elementos constituintes dos espaços apresentados foram ativados por modos semióticos diferentes. Assim, temos no espaço Lula os seguintes modos: pictórico (a imagem do boneco com características de Lula e a estrela vermelha), a cor vermelha da estrela símbolo do PT, falado (com a palavra “Lula” e o enunciado “vota em mim”, por exemplo), sonoro (a voz rouca semelhante à de Lula) e a imagem em movimento. No espaço Gepeto temos os modos falado (com “grande criação”, por exemplo), pictórico (pois a imagem de Lula contém traços que nos remetem a esse personagem) e a cor azul (essa pode assumir duas conotações: simbolizar simplesmente a cor da vestimenta do personagem ou a Fada Azul a responsável por dar vida à Pinóquio)

Posto isso, podemos afirmar que a metáfora em análise, Lula é Pinóquio, pode ser considerada como multimodal, pois cada um de seus domínios são construídos pela articulação dos diferentes modos que se fazem presentes na construção da charge apresentada.

Como foi possível observarmos, no diagrama exposto, o mapeamento do domínio-fonte ao domínio-alvo é parcial e não total. Diante disso, acreditamos que antes de ocorrer o mapeamento entre esses domínios, temos o mapeamento intra-domínio com a ativação e destacamento do elemento que será projetado. Caracterizando assim, com base em Barcelona (2003), a ocorrência de relações metonímicas em cada domínio dessa metáfora. A partir disso, passamos a analisar cada domínio por meio das propriedades contígua, fractalizada e recursiva.

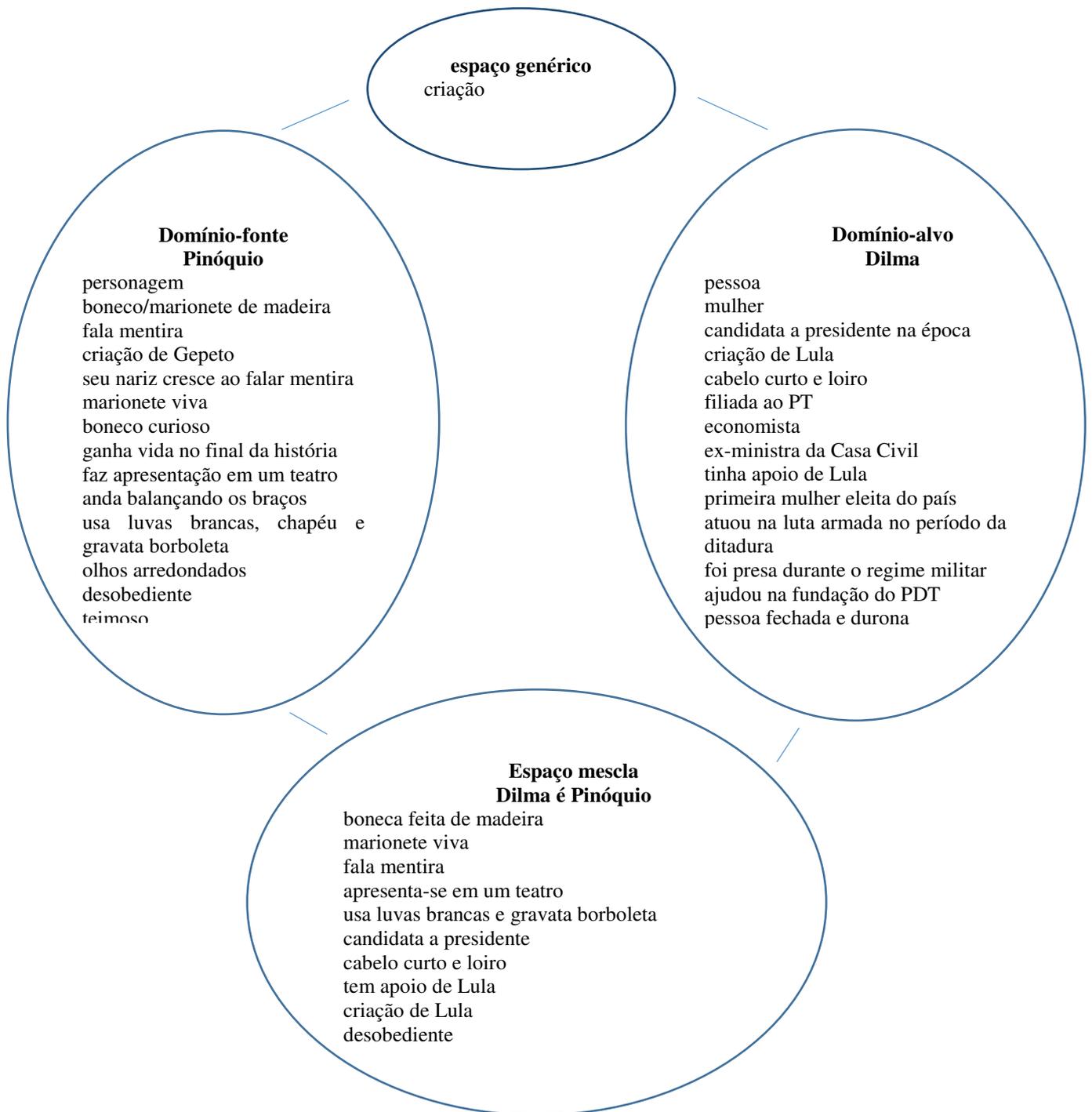
A propriedade contígua faz com que os elementos do domínio Lula e Gepeto sejam considerados próximos. Com isso, neste contexto, os elementos criador e boneco de madeira, no espaço Gepeto, são contíguos. A propriedade recursiva torna possível, no domínio Lula, ativarmos TODO o domínio por meio da PARTE apoiador da campanha de Dilma e essa PARTE possibilita acesso ao TODO Lula. A propriedade fractalizada permite que trabalhemos, independente da escala, com a mesma coisa. Posto isso, no domínio Lula não importa se tomamos como referência uma de suas PARTES, como cofundador do PT, ou TODO o domínio que estaremos nos referindo a mesma pessoa. Por outro lado, essa propriedade permite que cada elemento dos domínios fonte e alvo atuem como *hyperlinks* na ativação de uma cena maior, no caso na ativação ou da história de Pinóquio ou do contexto político de 2010.

Por último, tomamos a notação de Radden e Kövecses (1999) que sugerem que a relação metonímica não é de mera substituição, mas uma relação mais complexa na

produção de sentido. Assim, devemos substituir X por Y por X + Y. No domínio de Gepeto não podemos apenas tomar a PARTE pelo TODO em criador de Pinóquio por Gepeto, pois sabemos que essa relação é mais complexa, já que Gepeto não é um simples criador de boneco de madeira, mas de um boneco que ganha vida.

A análise apresentada demonstrou que houve motivação metonímica em ambos os domínios da metáfora motivada: no domínio-fonte tivemos as relações PARTE pelo TODO, VESTUÁRIO POR PERSONAGEM, PROFISSÃO POR PERSONAGEM; no domínio-alvo temos PROFISSÃO POR PESSOA, SÍMBOLO POR PARTIDO e PARTE PELO TODO. Dessa forma, a metáfora Lula é Gepeto resulta da integração complexa das relações metonímicas presentes em seus domínios fonte e alvo.

Prosseguimos nossas análises com a segunda metáfora utilizada na construção do nosso objeto de estudo: Dilma é Pinóquio. Temos a seguir o exame dessa metáfora pelo viés da TIC.



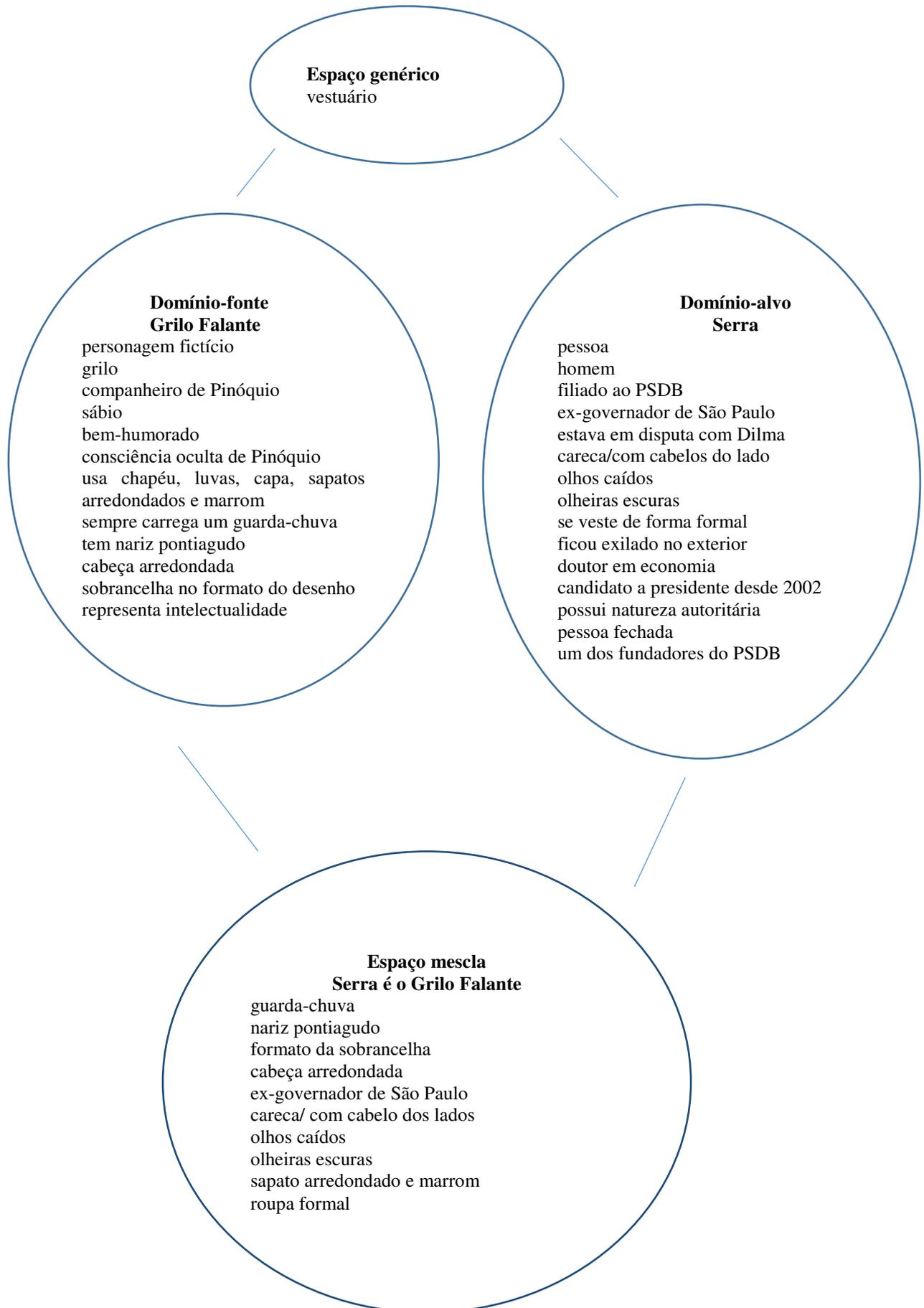
Da mesma forma que a primeira metáfora examinada, a metáfora Dilma é Pinóquio também pode ser classificada como multimodal, por ter seus domínios fonte e alvo produzidos pela articulação de elementos ativados por diferentes modos semióticos. No domínio-fonte há os modos pictórico (a imagem de um boneco de madeira), falado (com expressões do tipo “não há cordões em mim”), gestual (com o balançar dos braços), musical, escrito (palavra Dilmóquia) e imagem em movimento.

Podemos encontrar no domínio-alvo os modos pictórico (imagem com traços de Dilma), falado (com palavras como Dilma) e o escrito.

Essa metáfora também é motivada por um conjunto de relações metonímicas presentes em seus domínios. Assim, temos na motivação dessa metáfora as relações metonímicas PARTE PELO TODO, VESTUÁRIO POR PERSONAGEM, MOVIMENTO DOS BRAÇOS POR PERSONAGEM, no domínio-fonte, e PARTE PELO TODO no domínio-alvo.

Ao considerarmos a motivação metonímica em cada um de seus domínios, podemos analisar tanto o domínio-fonte quanto o domínio-alvo como modelos metonímicos. Dessa forma, a propriedade contígua estará presente em sua construção ao colocar como próximos, por exemplo, no domínio Dilma os elementos “candidata à presidente” e “apoio de Lula” e, no domínio Pinóquio, “boneco de madeira” e “marionete viva”. A propriedade recursiva torna possível a relação simétrica entre as PARTES e o TODO, fazendo com que possamos ativar TODO domínio Pinóquio pela PARTE boneco de madeira e essa PARTE possibilita também a ativação do seu TODO. Por último, a propriedade fractalizada que permite trabalharmos com TODO domínio Dilma ou sua PARTE, candidata à presidente na época, que estaremos nos referindo a mesma pessoa. Não podemos nos esquecer que essa propriedade faz com que os elementos de cada domínio atuem como *hiperlinks*, acionando a história e o contexto político retratados.

Para finalizar, examinaremos a última metáfora presente em nosso objeto de estudo: Serra é o Grilo Falante. Da mesma forma que fizemos com as metáforas já apresentadas, construímos, com base na TIC, o diagrama abaixo.



Essa metáfora tem seus domínios fonte e alvo também construídos por meio da articulação de elementos de modos semióticos diferentes, sendo, portanto, classificada como multimodal. Em seu domínio-fonte temos os modos pictórico (imagem do personagem), falado (com as palavras “Grilo Falante”) e a imagem em movimento. Por outro lado, o domínio-alvo é construído pelos modos escrito (enunciado “governo do estado de São Paulo”) e o pictórico (a imagem com traços de Serra).

Como estamos argumentando, acreditamos que, pelo fato do mapeamento metafórico ser parcial, as relações estabelecidas entre os elementos dos domínios fonte e alvo são relações metonímicas. Com isso, afirmamos que a propriedade contígua atua na construção desses domínios tornando seus elementos próximos, contíguos, como ocorre no domínio Serra com os elementos ex-governador de São Paulo e olhos caídos. A propriedade recursiva, que permite o TODO Grilo Falante ser ativado pela sua PARTE consciência oculta e essa ativar o seu TODO, e a propriedade fractalizada, que torna possível que trabalhem com o TODO Serra ou uma de suas PARTES, como filiado ao PSDB, em ambos os casos, se tratando da mesma pessoa. Por fim, essa propriedade também torna os elementos constituintes de cada domínio *hiperlinks* na ativação da história de Pinóquio e o contexto político de 2010.

Finalizamos com a notação de Radden e Kövecses (1999), que permite tratar o sentido resultante do modelo metonímico complexo. Fato que ocorre na relação Grilo Falante por consciência oculta, pois esse grilo não é apenas um amigo de Pinóquio, mas o responsável em conduzir suas ações.

5 Conclusão

Procuramos, neste trabalho, evidenciar a possibilidade de a motivação metonímica da metáfora ocorrer em ambos os domínios da metáfora motivada, fato que pôde ser comprovado pelas análises feitas das três metáforas atuantes na construção da charge eleita como objeto de estudo. Durante essas análises, demonstramos que as três metáforas examinadas foram motivadas por um conjunto de relações metonímicas presentes em seus domínios fonte e alvo.

Nossas análises também evidenciaram metáforas multimodais que ultrapassam o tipo verbo-visual trabalhado por Forceville (2008). Fato que ocorreu com as três metáforas destacadas, pois em cada uma dessas metáforas tivemos a articulação de diferentes modos semióticos, como, por exemplo, os modos pictórico, sonoro, falado, a

cor e a imagem em movimento, na constituição de seus domínios e, conseqüentemente, na criação das relações metonímicas.

Além disso, foi possível aprofundarmos um pouco mais nas análises dos processos metonímicos ao articularmos o conceito proposto por Radden e Kövecses (1999) com as pesquisas de Jakobson (2003) e Paiva (2010, 2011, 2012), tornando possível examiná-las por meios das propriedades contígua, recursiva e fractalizada.

Destacamos que o processo interativo metáfora/metonímia por nós encontrado difere-se das propostas dos precursores desse estudo. Isto é, diferente dos postulados de Goossens (2003) e Barcelona (2003), que defendem a motivação metonímica da metáfora presente em apenas um de seus domínios, nosso trabalho evidenciou relações metonímicas em ambos os domínios. Por outro lado, também nos distanciamos do trabalho de Radden (2003), com sua proposta do *continuum*, ao afirmar que a interação ocorre de forma contínua do literal ao metafórico. Nossa proposta, diferente da abordada por Radden (2003), demonstrou que essa interação é simultânea.

Finalizamos com afirmação de que a interação examinada se tornou mais complexa pelo fato de ter ocorrido em um discurso multimodal, pois há um número maior de relações metonímicas motivando a metáfora. Como as análises expuseram, esses diversos modos semióticos tornaram possível que essa interação ocorresse não apenas no modo verbal, ou pictórico; mas entre esses e os demais modos apresentados em nossas análises, já que cada um desses modos atuou na criação dos domínios, adicionando novos elementos, tornando maior o número de relações metonímicas presentes nesses espaços e, conseqüentemente, maior o número de compactações metonímicas responsáveis pela criação da metáfora.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Poética*. [Tradução de Eudoro de Souza]. São Paulo: Nova Cultura, 1991. p. 245-285.

BARCELONA, A. The cognitive theory of metaphor and metonymy. In: BARCELONA, A. (Ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p.1-28

BLACK, M. More about metaphor. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p.19-41.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Metonymy and Conceptual Integration. In: Panther, K. U.; Radden, G. (Ed.). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 77-90.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

FORCEVILLE, C. Metaphor in Pictures and Multimodal Representations. In: GIBBS, R. (ed). *The Cambridge Handbook of Metaphor and thought*. Oxford: University Press, 2008, p. 462-482.

GOOSSENS, L. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 349-377

JAKOBSON, R. The metaphoric and metonymic poles. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 41-47.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

MAHON, D. Getting your sources right: What Aristotle *didn't* say. In: CAMERON, L.; LOW, G. (Eds). *Researching and Applying Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 69-80.

PAIVA, V. L. M. O. A Metonímia como processo fractal multimodal. *Veredas*, v. 01, n. atemática, p. 07-19, 2010. Disponível em: <www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2010.

PAIVA, V. L. M. O.; NASCIMENTO, M. Processamento metafórico e metonímico na produção de texto/sentido: um exemplo de compressão fractal. In: SILVEIRA, E. M. (Ed.). *As bordas da linguagem*. Uberlândia: EDUFU, 2011. p.351-373

PAIVA, V. L. M. O. O processamento metonímico/metafórico à luz da teoria do caos/complexidade. *Revista Portuguesa de Humanidades-Estudos Linguísticos*, Braga, v.15, n.1, p.51-66, 2012.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. In: PANTHER, K. U.; RADDEN, G. (Eds). *Metonymy in Language and Thought*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 17-59

RADDEN, G. How metonymic are metaphors? In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Eds). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 407-434

REDDY, M. The conduit metaphor - A case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-297

SCHRÖDER, U. Antecipações da Metáfora Cotidiana nas concepções de Hans Blumenberg e Harald Weinrich. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 02, p. 39-54, 2008a. Disponível em: <periódicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2492/2444>. Acesso em: 24 jul. 2013.

SCHRÖDER, U. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. *Alfa*, São Paulo, n. 52 (1), p. 39-56, 2008b. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1466>. Acesso em: 10 nov. 2013.

SPERANDIO, N. E. *Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014.